



REFLEXÃO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE DESENHO COMO MÉTODO ETNOGRÁFICO

FELIPE SEVERO SABEDRA SOUSA¹; CLAUDIA TURRA MAGNI ²

¹Acadêmico Bacharelado em Antropologia UFPel– felipesousa4@hotmail.com

²Docente Bacharelado e Programa de Pós-Graduação em Antropologia UFPel –
clauturra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho procura refletir sobre a utilização do desenho como prática de ensino da Antropologia, com base na experiência obtida através de uma Oficina de três sessões ofertada no primeiro semestre de 2017 pela Profa. Vivian Herzog, do Centro de Artes, em parceria com a Profa. Claudia Turra Magni, coordenadora do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS) do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Tendo como base empírica minha participação nesta Oficina, busco abordar as potencialidades do desenho enquanto instrumento para pensar e fazer Antropologia, respondendo a questões centrais da prática etnográfica, através das perguntas que ele incita, das pistas e alternativas que ele aponta ao diário de campo estritamente textual, assim como da construção de narrativas e de percepções dos encontros etnográficos.

Para a Antropologia, o resultado estético do trabalho não é o mais importante, mas sim a possibilidade de desnaturalização do objeto e consequente estranhamento do universo de pesquisa no qual o pesquisador está inserido. Assim, um aspecto relevante acerca do desenho é o tempo exigido para a sua execução, pois mesmo um simples esboço ou um desenho “mal feito” demanda um olhar meticuloso que qualifica a observação, de modo que o pesquisador passa a analisar detalhes não vistos com um olhar apressado. Sem priorizar a relação mimética e realista do desenho com seu referente, o que se prioriza no desenho em Antropologia é seu caráter construtivo, expressivo e criador, possível de ocorrer no encontro com o outro (KUSCHNIR, 2014).

2. METODOLOGIA

Conforme BALLARD, (*apud* AZEVEDO, 2016), a Antropologia vive uma “virada gráfica”, convidando-nos a incorporar o exercício do desenho no ensino do método etnográfico, de modo articulado a outras técnicas de trabalho de campo reconhecidas, como a observação participante e a observação flutuante, associadas ao diário de campo. A prática do desenho permite que o pesquisador aprimore seu olhar sobre o universo empírico, partilhe momentos lúdicos com seus interlocutores e incorpore este elemento gráfico nos produtos de apresentação dos resultados da pesquisa. Através do aprimoramento do diário gráfico, pode-se discutir e localizar o desenho e o hábito de desenhar como importante técnica do método etnográfico.

Com este propósito e visando incrementar o “Ensino da Antropologia Visual na UFPel” (Projeto coordenado pela Profa. Claudia Turra Magni), a Profa. Vivian Herzog foi convidada a ministrar uma Oficina de Desenho para os membros do LEPPAIS. Assim, após o compartilhamento de obras de referência, com um leque

de autores, fundamentos e estilos de desenhos, foram disponibilizados diversos materiais, suportes e instrumentos, que permitiram a realização de exercícios, com ênfase na construção do diário gráfico.

Os participantes experimentaram diferentes técnicas de desenho, com vários modos de fazer o tracejado, relacionar figura e fundo, incorporar sombras, espaços em branco, pintar com lápis de cor e aquarela, etc.. Tal como realizado na pesquisa etnográfica, problematizando a necessidade de delimitar, no mundo envolvente, o objeto a ser desenhado, enfatizando-se a importância da busca de uma relação próxima, direta, não mediada entre quem desenha e aquilo/o que é desenhado, explorando-se, ainda, diversos ângulos e perspectivas do ponto de vista escolhido. Finalmente, contrariando a angústia de muitos alunos, foi consensual o fato de que qualquer pessoa com capacidade de produzir uma caligrafia legível tem a destreza necessária para desenhar. Assim, concordamos com KUSCHNIR (2014), quando afirma que o aprendizado do desenho, na Antropologia, tem como foco ensinar uma habilidade visual, e não manual.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como consequência da prática do desenho para fins de elaboração de um Diário Gráfico, desnaturalizaremos o fenômeno observado, por mais familiar que ele pareça apresentar-se, o que constitui um requisito metodológico fundamental da etnografia, sobretudo quando ela é desenvolvida em ambiente cultural onde pertencemos. Assim, o diário de campo, tal qual o utilizamos tradicionalmente, como um espaço de registro puramente textual, se enriquece, complexifica e diversifica, potencializando a incorporação de afetos, sensações, impressões, não exclusivas à pretensa objetividade daquilo que vemos, mas extensiva ao modo como observamos, conhecemos e nos relacionamos com as pessoas, os objetos, os espaços, as práticas e valores sociais e culturais em contexto etnográfico.

O recurso ao desenho como atividade compartilhada em trabalho de campo ainda pode contribuir para a desconstrução de hierarquias em torno do status acadêmico, tornando os encontros etnográficos mais simétricos e amistosos. Os desenhos a seguir apresentam como exemplo, uma pesquisa etnográfica em curso, que toma como universo de investigação a Catedral Metropolitana São Francisco de Paula (Figura 1), em Pelotas, Rio Grande do Sul. Aqui, o emprego do diário gráfico, durante o trabalho de campo serviu de ponto de partida para compreender sobre as interações (Figura 2) e movimentações (Figura 3) que ocorrem no local. Ele também contribuiu para dar início ao diálogo com um interlocutor, voluntário do local (Figura 4), que, ao se interessar sobre a prática do desenho, abriu caminhos para a continuidade da pesquisa.

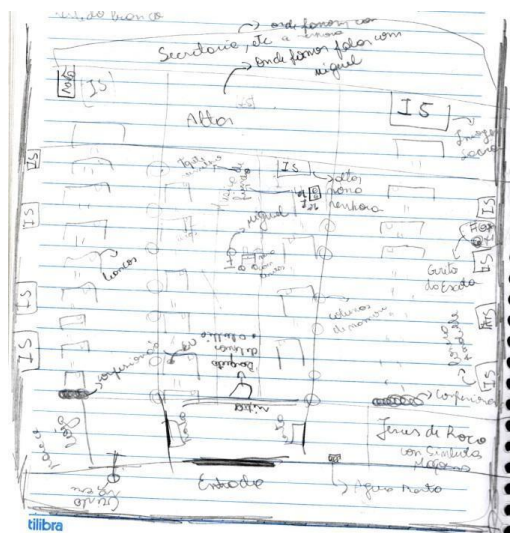


Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

Ao restaurar o desenho como uma prática de ensino/aprendizagem das Ciências Sociais, e, extensivamente, como parte integrante do método de pesquisa envolvendo experiência, diálogo, observação participante e registro etnográfico, compreendendo que, apesar de não ser usual, o hábito de desenhar deveria ser adotado na graduação e aprimorado, pois dá alguns dos mais importantes fundamentos da Antropologia, como etnocentrismo, relativização, perspectiva, distância, contextualização, etc. Muitas vezes, a intensidade de uma experiência etnográfica, registrada de modo tradicional em diário de campo, acaba por suprimir outros sentidos sobre os quais não haveria palavras suficientes para expressar, sobretudo aqueles que abrangem a mistura de percepções e sensações que invadem o pesquisador em universo desconhecidos. Assim, a utilização do desenho permite extrapolar o controle e pretensa objetividade da escrita científica, indo além de dimensões conscientes e racionalizáveis e complementando a experiência de campo que a envolve, visto que para sua confecção é necessário investir na educação da atenção, captando detalhes, traços e movimentações que passariam despercebidos se não observados com tempo e detalhadamente.

4. CONCLUSÕES

A utilização do desenho revelou novas perspectivas para o ensino e aprendizado da Antropologia, já que docentes e discentes tem dificuldades para transformar em prática os conhecimentos adquiridos na teoria. Através da Oficina e da adoção do desenho em pesquisas de campo, a exemplo da que foi aqui exposta, compreendemos o quão importante se torna a incorporação do diário gráfico dentre as diversas técnicas do método etnográfico, seja para estabelecer trocas e diálogos com nossos interlocutores, seja para perceber detalhes e desnaturalizar o fenômeno experienciado e observado que não chamam atenção em nosso cotidiano, muitas vezes mascarando relações que se traçam nesses ambientes.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Aina. “Diário de Campo e Diário Gráfico: contribuições do desenho à antropologia”. **Áltera Revista de Antropologia**, v. 2, n. 2, p. 100-119. 2016.

KUSCHNIR, Karina. “Desenhando cidades.” **Revista Sociologia & Antropologia**, Vol. 2 n. 4, p. 295-314. 2012.

KUSCHNIR, Karina. “Ensinando antropólogos a desenhar”. **Cadernos de Arte e Antropologia**, vol. 3, n. 2, p. 23-46, 2014.

KUSCHNIR, Karina. “A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas”, **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol. 5, n. 2, p. 5-13, 2016.